

SERVIÇO SOCIAL E EDUCAÇÃO POPULAR: PROBLEMATIZANDO A PRÁTICA DO ASSISTENTE SOCIAL NA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO E INCLUSÃO DE ADOLESCENTES QUE VIVENCIAM PROCESSOS DE VIOLÊNCIA

POPULAR SOCIAL SERVICE AND EDUCATION: DISCUSSING THE PRACTICE OF SOCIAL WORKER IN VIEW OF FORMATION AND INCORPORATION OF ADOLESCENT VIOLENCE WHICH UNDERGO

Eliana Rita Bermann Batista Elson*

RESUMO: O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou identificar de que forma os profissionais de serviço social constitui sua prática em projetos de educação popular, considerando suas metodologias e desafios perante as demandas. Sabe-se que políticas públicas são pensadas com base na avaliação dos projetos, desta forma esta pesquisa vem de encontro à realidade vivenciada por estes profissionais que atuam diretamente com o público alvo dos referidos projetos, adolescentes e jovens, os quais têm a finalidade de forma com base em uma formação cidadã. No que se refere ao modelo de projeto social ao qual o governo se propõe a realizar a fim de que políticas públicas sejam executadas e avaliadas com o propósito de atender a verdadeira realidade dos sujeitos a ela proposta, evidencia-se que, depende muito dos órgãos a qual se propõe a executar as mesmas e a visão dos profissionais que coordenam. Ao que se refere aos jovens e adolescentes atendidos nas oficinas, percebe-se que os mesmo conseguiram identificar questões abordadas nas oficinas através dos métodos da educação popular. Esta pesquisa foi realizada na instituição a qual estava inserida o PROTEJO - Projeto de Proteção dos Jovens em Território Vulnerável, esta pesquisa de cunho qualitativo, na cidade de Cachoeirinha no estado do Rio Grande do Sul, de julho de 2010 a julho de 2011.

Palavras-chave: serviço social. educação. sociedade. cidadania.

ABSTRACT: *This article presents the results of a survey that sought to identify how the social service professionals is their practice in education projects popular considering its methodologies and challenges in the face of demands. We know that public policies are designed based on the evaluation of the projects, so this research comes against the reality experienced by these professionals who work directly with the target audience of these projects, adolescents and young people, which are intended to form based on a civic education. With regard to the model of social project to which the government proposes to take to which public policies are implemented and evaluated in order to meet the true reality of the subject to her proposal, it is clear that much depends on the organs which proposes to perform the same vision and the professionals who coordinate. Referred to youth and adolescents in the workshops, one realizes that the same could identify issues*

* Assistente social, atua como tutora na faculdade unopar, assistente social em ong - ação social do planalto (atendimento a criança e adolescentes mediante a projetos de inclusão pelo esporte e reforso escolar), formada pelo centro universitario metodista ipa - rs em 2009, pós graduação em serviço social e educação.

addressed in the workshops through the methods of popular education. This research was conducted at the institution which was inserted the PROTECT - Project for Protection of Vulnerable Youth in the Territory, this qualitative research, in Cachoeirinha in the state of Rio Grande do Sul, from July 2010 to July 2011.

Keywords: *social services. education. society. citizenship.*

INTRODUÇÃO

¹O PROTEJO - Projeto de Proteção dos Jovens em Território Vulnerável, é uma iniciativa do Governo Federal juntamente com o ministério da justiça; e está vinculado ao Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania, marcando assim, algo inédito no âmbito da política de segurança no Brasil. O projeto articula políticas de segurança com ações sociais. Prioriza a prevenção e busca atingir as causas que levam à violência, sem abrir mão das estratégias de ordenamento sociais e segurança pública.²A Secretaria de Segurança Pública (SENASP) é responsável pela proposição e articulação de Políticas Públicas, voltadas para a implementação do Sistema Único de Segurança Pública (SUSP), junto aos Estados, Distrito Federal e Municípios.

A institucionalização do PROTEJO, ocorreu no ano de 2007, por intermédio da Lei n. 11.530/2007 que integra as ações do Ministério da Justiça, tenha como objetivo geral selecionar e acompanhar jovens entre 15 e 24 anos em situação de risco e vulnerabilidade familiar e social, egresso do sistema prisional ou cumprindo medidas socioeducativas, com vistas a desenvolver percursos formativos para a promoção da cidadania, direitos humanos, qualificação profissional e inclusão social, para a prevenção da violência, da criminalidade e do envolvimento com drogas. A formação desses jovens é realizada por intermédio de um Percurso Social Formativo que inclui temas como: formação cidadã e sóciojurídica, violências, resolução de conflitos,

¹ Dados retirados do site do PRONASCI.

² Dados retirados do Manual de Orientação do Ministério da Justiça Secretaria Nacionais de Segurança Pública (Manual de Orientações aos Proponentes Para Elaboração de Proposta via SICONV nas Ações Mulheres da Paz e Protejo Anexo IV).

ampliação do letramento, educação ambiental e sustentabilidade, sexualidade, autoestima, informática e tecnologia, prevenção à drogadição, introdução ao mundo do trabalho, além de atividades culturais e esportivas.

Os convênios celebrados entre o Ministério da Justiça e municípios, estados e o Distrito Federal são para a execução conjunta dos Projetos Mulheres da Paz e PROTEJO. Eles integram um único termo de convênio devendo cumprir cronograma conjunto na execução das atividades. Ambos os projetos são metas do mesmo termo de convenio firmado, além da qualificação e eficácia no desenvolvimento dos projetos, ele atende o que determina a Lei n. 11.530 de 24 de outubro de 2007, em seu artigo 8-D, além de otimizar os recursos investidos. O projeto tem duração de um ano, sendo dividido em dois turnos, manhã e tarde, com 12 turmas em três locais diferentes (territórios) onde ocorrem as oficinas. Às oficinas são organizadas com base na formação cidadã dos jovens (15 a 24 anos).

Nesse sentido, a atuação do assistente social no PROTEJO, surgiu em um momento desafiador, pois seria preciso repensar sua prática para o bom desenvolvimento das oficinas. A partir de então, surgiu o interesse pela pesquisa junto ao projeto, buscando ampliar o conhecimento, sobre a atuação do assistente social em projetos de educação popular e as suas respectivas contribuições e encontros.

A presente pesquisa foi realizada com a equipe do projeto Protejo na cidade de Cachoeirinha RS, no período de julho de 2010 a julho de 2011. O público alvo deste trabalho foram os Assistentes Sociais, Adolescentes e jovens, sendo que os primeiros contribuirão respondendo ao questionário de pesquisa, e os segundos através da análise de seus materiais produzidos durante as oficinas, previamente selecionados, com base na temática proposta.

1 O ASSISTENTE SOCIAL E SUA PRÁTICA EDUCATIVA

A dimensão da prática do Assistente Social é educativa. Pois a orientação para a reflexão oportuniza o diálogo e contribui para o reconhecimento de uma realidade que os jovens vivenciam no seu cotidiano, mas não a reconhecem como tal. Assim, o trabalho desenvolvido é de suma importância, não somente para o usuário participante das orientações, mas, também para a sociedade que lucra com a inserção social de jovens cidadãos. Abreu (2002) referencia a prática profissional como:

(...) está é uma profissão de caráter eminentemente educativa, inscrevendo-se em atividades que incidem na formação da cultura como elementos constitutivos de relações hegemônicas, e que visa à transformação social da realidade. (ABREU, 2002, p. 66)

Siminionato (1998, p. 41) também coloca que a ação do assistente social não se resume ao plano imediato, mas busca a transformação da realidade. Sendo assim, para que o assistente social desenvolva sua prática imbuída de um saber que parte da leitura sobre a realidade local e o que a mesma representa para a comunidade; pensa-se que antes de propor qualquer intervenção, precisa-se fazer este movimento de reconhecimento do contexto social, bem como suas vulnerabilidades e principalmente desenvolver sua escuta sobre o que pensam as pessoas envolvidas neste contexto. Conforme Iamamoto (2008):

(...) na prática do Assistente Social existe também uma objetividade que não é material, mas social. Percebe-se esta afirmativa quando profissional atua no campo do reconhecimento da realidade dos sujeitos e propõe junto com os mesmos, mudanças significativas, respeitando e mediando o aprendizado, pois esta objetividade social é representada em forma de prestação serviço. (IAMAMOTO, 2008, p. 67).

Com base em programas e projetos do Governo Federal a prática do assistente social vem sendo solicitada, o profissional se

embasa em seu código de ética, tendo como norteadora as políticas sociais referenciadas na Legislação Social, com vistas à garantia dos direitos dos atores envolvidos. Pretende-se visualizar a prática do profissional com base no projeto Protejo vinculado ao SENASP, com a finalidade de articular ações de segurança pública para a prevenção e combate da criminalidade. Este Órgão do Governo presta assistência, por meio de programas de formação e inclusão social, a jovens adolescentes expostos à violência doméstica ou urbana, egresso do sistema prisional ou que vivam nas ruas, estabelecendo políticas sociais e ações de proteção às vítimas deste contexto social. De acordo com Martinelli (1995):

Serviço Social é uma profissão cuja identidade é marcadamente histórica. Seu fundamento é a própria realidade social e sua matéria-prima de trabalho são as múltiplas expressões da questão social, o que lhe confere uma forma peculiar de inserção na divisão social e técnica de trabalho. Como profissão de natureza eminentemente interventiva, que atua nas dinâmicas que constituem a vida social, participa do processo global de trabalho e tem, portanto, uma dimensão sócio-histórica e política que lhe é constitutiva e constituinte. (MARTINELLI, 1995, p. 139).

O assistente social está inserido nos diversos espaços de trabalho, pois, este possui uma formação que proporciona uma análise detalhada das manifestações das expressões da questão social. Desta forma, foi pensada a prática deste profissional na dimensão do projeto Protejo, com o propósito de formação cidadã, com base na metodologia da educação popular, onde se busca formar os jovens com base em suas vivências e reconhecimento da realidade ao seu redor. Como trabalhar para a formação destes jovens, de que forma poder-se-ia proporcionar a construção do aprendizado diante de uma realidade complexa?

Para estes questionamentos percebeu-se durante a pesquisa através da observação das oficinas que a metodologia da educação popular com base em Paulo Freire um norteador em todo o percurso da formação destes jovens do projeto foi o principal referencial

pedagógico. A educação popular propõe uma educação a partir do reconhecimento do que é familiar, conforme Freire (2008), para ser válida, a educação deve considerar a vocação ontológica do homem – vocação de ser sujeito – e as condições em que ele vive: em tal lugar exato, em tal momento, em tal contexto (p. 39).

No entanto, foi percorrido o período formador dos jovens, através de trocas de vivências, uma vez que, conhecer a realidade dos educandos era necessário, assim como determinados temas e seus significados. Percebe-se ao mesmo tempo em que se ensinava algo se aprendia também, por que todo contexto estava imbuído de conceitos e práxis que promoviam o desenvolvimento da reflexão crítica no educando perante as demandas sociais. A reflexão representada conforme Freire (2010) envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (p. 38).

Assim, a metodologia trabalhada foi a da educação informal na qual Gohn (2006) define brilhantemente:

A educação informal tem como método básico a vivência e a reprodução do conhecido, a reprodução da experiência segundo os modos e as formas como foram apreendidas e codificadas. (...) operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como, necessidades carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. (GONH, 2006, p.32).

Refletir sobre os assuntos abordados foi algo proporcionado a cada encontro, ou seja, se entendia que trabalhando nesta direção era possível levar os jovens a perceberem o que havia em seu contexto e o que poderia ser desconstruído ou reconstruído. Entende-se esta realidade conforme a pedagogia de Freire (2010) na qual ele coloca que:

A educação problematizadora está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma

reflexão verdadeira sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras. (...) a educação crítica é a futuridade revolucionária (FREIRE, 2010, p. 94-95).

A proposta da metodologia da educação popular é trabalhada com os jovens na visão reflexiva levando-os a serem críticos diante daquilo que lhes era apresentado. No início eles queriam respostas prontas e conceitos, mas quando era proposta uma construção do conceito através das representações que fazem sentido para eles o trabalho fluía e os argumentos e questionamentos não faltavam de ambas as partes, educandos e Assistentes Sociais (Mediadores).

1.1 Demandas sociais: seus dogmas e paradigmas para o assistente social

Evidenciando a dimensão da prática do assistente social como educativa, através deste viés foram direcionadas as intervenções junto aos jovens e adolescentes, foi preciso trabalhar com o intuito de educar e informar, construindo o conhecimento e reconhecimento através de elementos retirado do convívio social. O projeto foi proposto com base na prevenção da violência e suas causas, os locais onde ocorreram as intervenções foram em bairros violentos, demarcados para ser trabalhada a cultura de território da Paz. A cultura da Paz foi Criada em 1999 pela Resolução A/53/243 das Nações Unidas. Entende-se que uma cultura de paz é problematizada conforme Mayor (2006):

A cultura de paz é a paz em ação; é o respeito aos direitos humanos no dia-a-dia; é um poder gerado por um triângulo interativo de paz, desenvolvimento e democracia. Enquanto cultura de vida trata-se de tornar diferentes indivíduos capazes de viverem juntos, de criarem um novo sentido de compartilhar, ouvir e zelar uns pelos outros, e de assumir responsabilidade por sua participação numa sociedade democrática que luta contra a pobreza

e a exclusão; ao mesmo tempo em que garante igualdade política, equidade social e diversidade cultural. (MAYOR, 2006, p.37).

A formação destes jovens parte do princípio que o projeto evidencia, que é formar para cidadania com base na cultura de território da Paz. Para entender o que o projeto aponta como formação para cidadania, e o que este objetivo remete de conhecimento, buscou-se uma melhor definição para intervir na realidade. Com base no entendimento de Adams (2001) apud in Silva 1997, em relação à cidadania ele nos diz que:

(...) a cidadania não pode se restringir à satisfação das necessidades biológicas. O ser humano tem vocação para ser sempre mais. Por isso, não pode ser um conceito estático, mas um sentido de vida, um processo que precisa ser continuamente criado, recriado, fortalecido e ampliado nas diferentes realidades e momentos sócio históricos. (ADAMS, apud in SILVA, 1997, p.247).

Com este propósito entende-se que formação cidadã quer dizer: preparar para a cidadania, preparar para viver em sociedade, conhecendo seus direitos e deveres como ser social. Tonet (2006) nos remete a refletir sobre seu entendimento sobre a definição de formação humana, o autor referencia que:

Talvez nenhuma palavra tenha expressado tão bem ideia de formação humana como a palavra Paidéia. Paidéia exprimia o ideal de desenvolver no homem aquilo que era considerado específico da natureza humana: o espírito e a vida política (TONET, 2006, p. 1).

Conforme reflexão sobre a citação referida, buscou-se desenvolver junto aos jovens um posicionamento diferente do que eles costumavam vivenciar culturalmente, a formação se deu entre o que existia no contexto vivenciado por eles e o que poderia ser ideal. Foi observado o que os jovens entendiam sobre diferentes temas referentes à formação cidadã, os direitos e deveres que os mesmo poderiam acessar através de Políticas Sociais. O entendimento sobre

o que representa a cidadania foi algo que se buscou problematizar durante as oficinas temáticas, pois se compreende que a cidadania foi trabalhada neste contexto através de filmes, reportagem, jogos e exercícios reflexivos, pois os mesmos precisavam reconhecer e não apenas aprender sobre o assunto, ter uma visão crítica e reflexiva sobre os assuntos abordados.

A inserção do assistente social neste enfoque através de oficinas temáticas, onde o profissional teve como proposta trabalhar a qualidade de vida dos jovens inseridos no projeto Protejo. Dentro deste contexto foi trabalhado com base em dinâmicas de grupos: assuntos referidos a família, prevenção, violência, escolhas, comunidade, escola, entre outros temas geradores que perpassam estes. Como recurso compreende-se que as imagens contidas nas cenas cinematográficas presentes em filmes e reportagens proporcionaram um leque de oportunidade para o debate com o grupo, porque, muitos comparavam com o que lhes era familiar, desta forma, o conteúdo proposto foi direcionado e desenvolvido com entusiasmo de ambos, visando: *“aprofundar e ampliar a ‘intelectualidade’ de cada indivíduo”* (GRAMSCI, 2004, p. 19).

Entre os temas trabalhados a violência doméstica foi um assunto abordado durante o projeto em vários momentos e com diversos enfoques, muitas vezes os jovens não reconheciam ser um tipo de violência àquela que não apresentava agressão física, era preciso fazer todo um resgate e questionamentos sobre como eles se sentiam quando algo semelhante acontecia com eles. A violência doméstica, aquela que acontece no interior dos lares, onde os mesmos às vezes poucos visualizavam, somente a partir de reflexões e apresentação de filmes comentados conseguem perceber. A³ violência doméstica, conforme citação é a violência praticada no âmbito familiar por meio de atos, ações ou omissões de pais e/ou responsáveis contra crianças e adolescentes. As principais formas de expressão desse tipo de violência são: o abuso físico, o abuso sexual, o abuso psicológico e a negligência, que constitui

³ - Referencial retirado do livro Capacitação para conselheiros e Lideranças Comunitária (Prevenção do uso indevido de drogas) curso em EAD – Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas.

a omissão dos pais ou responsáveis pela criança ou adolescente em prover as necessidades básicas para o desenvolvimento (p. 295). A violência urbana conforme Esteves⁴ (1999) pode se entender como: (...) *situação de marginalidade e desigualdades de alguns segmentos da sociedade conduz a comportamentos desviantes, os quais constituem hoje grandes preocupações (...)* (ESTEVES, 1999, p. 27).

O meio urbano onde acontecem às relações sociais, permeado de significados, onde as pessoas buscam se manterem e sobreviverem em meio ao descaso de segmentos que deveriam estar mais vigilantes. Por falta de investimento ou leitura mais aprofundada desta realidade pessoas vivenciam em seu cotidiano situações de violência que muitas vezes para elas são naturais. Conseguir problematizar junto com os jovens estas representações e trazê-los a propor soluções foi um desafio constante durante os encontros nas oficinas. Indo de acordo com o pensamento de Freire⁵ (2008):

(...) todo o sistema de educação procede de opções, de imagens, de uma concepção do mundo, de determinados modelos de pensamento de ação que se procura tornar aceitos como melhores que outros (...) o ponto de partida deve estar sempre nos homens, no seu aqui e no seu agora, que constituem a situação em que se encontram, ora imersos, ora emersos, ora insertados. (FREIRE, 2008, p. 90-95).

Para chegar neste entendimento foi necessário promover diálogos, conversas na qual um dos acordos eram: “não existe certo nem errado”; pois o que era proposto para trabalhar sobre determinado assunto, partia do que ele movimentava dentro deles, qual era a percepção sentimento que causava. O dialogo para Freire (2008, p. 96) é uma necessidade existencial, é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se

⁴ Esteves, Alina (1999), A criminalidade na cidade de Lisboa: uma geografia da insegurança. Lisboa: Colibri.

⁵ Freire, Paulo, Conscientização: teoria e pratica da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire editor – Centauro 2001– São Paulo – Reimpressão 2008.

para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar idéias em outros.

Em relação à formação dos jovens conforme a orientação do projeto é uma formação cidadã e multiplicadora, os jovens deveriam disseminar na comunidade o que haviam construído no curso, um dos propósitos foi intervenção na comunidade, através de projetos e constante contato com a mesma, trazendo ela para os espaços formadores e levando também as oficinas para a comunidade. Pois: *‘temos que ter a perspectiva propositiva, a perspectiva alternativa, tanto teórica quanto prática’*. (FRIGOTO, 2006, p. 25-26), neste viés percorreu-se a formação, refletindo e refazendo práticas que não condiziam com as necessidades do grupo “educandos”.

2 METODOLOGIA

2.1 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa de campo num primeiro momento são adolescentes e jovens que participaram do projeto, com idade entre 15 a 24 anos, divididos da seguinte maneira:

- O projeto atendeu 302 adolescentes e jovens inscritos, sendo que destes apenas 78 concluíram o projeto;
- A média da faixa etária dos alunos atendidos pelo projeto era de 15 a 17 anos, representando cerca de 80% do público atendido.

Mediante o apresentado as análises dos trabalhos atenderam aos seguintes critérios:

- Foram selecionados todos os participantes do projeto e os trabalhos, tendo como critérios, serem oriundos das oficinas de Qualidade de Vida.

Num segundo momento da pesquisa, os sujeitos foram as Assistentes Sociais, sendo que a unidade do PROTEJO de Cachoeirinha no Rio Grande do Sul, contou em seu quadro com 04 Assistentes Sociais. Na pesquisa participaram 2 (duas) profissional,

devido à impossibilidade de todos responderem aos questionários, enviando-os por e-mail.

O Serviço Social, por ser de natureza interventiva, necessita compreender os fenômenos da sociedade. Orienta suas ações através da prática, entendendo, assim, as complexidades das manifestações da questão social. Desta forma, faz-se necessário entender o que é pesquisa, na visão da categoria. Para isto, recorre-se a Martinelli (2011, p. 15) quando diz: “pensar o Serviço Social, eis a tarefa”.

2.2 Instrumentos da Pesquisa

A pesquisa desenvolvida fora organizada com perguntas apresentadas em formato escrito aos participantes. Os resultados foram coletados através do questionário organizado por tipologia de assunto. As perguntas exploradas foram às seguintes:

- O que você enquanto Assistente social entende sobre Educação Popular?
- No seu entendimento sobre a prática, o Serviço Social está preparado para atuar em projetos sociais que visam à inclusão social, cultural, esportiva e educacional, com vistas a uma educação cidadã?
- Quais foram às dificuldades e facilidades na elaboração da metodologia aplicada durante as oficinas temáticas?
- Através da sua percepção e ou diagnóstico, quais foram os impactos na vida dos jovens envolvidos no projeto PROTEJO?
- Fazendo uma análise sobre sua atuação no projeto PROTEJO o que você pensa ser necessário para um assistente social atuar em projeto social, o que é relevante buscar além dos conhecimentos e metodologias habituais da profissão?
- O que o profissional observa sobre a instituição que desenvolve o projeto social, Protejo, em sua opinião

ela está preparada para atuar nesta área? Qual seria sua sugestão em relação a este assunto?

2.3 Procedimentos

Esta pesquisa teve como objetivo, analisar a prática e a metodologia utilizada pelos profissionais, assistentes sociais com base no Projeto Protejo realizado na cidade de Cachoeirinha-RS (Julho de 2010 a Julho de 2011). Os dados da pesquisa foram coletados a partir da análise documental de uma prévia seleção dos trabalhos realizados pelos educandos (jovens entre 15 a 24 anos) nas oficinas de Qualidade de Vida, como também de uma entrevista semi-estruturada com os Assistentes Sociais atuantes no projeto.

Assim, entende-se a importância da pesquisa, conforme Bourguignon (2007):

Ao atribuir a importância à ação investigativa, longe de se negar a importância da dimensão interventiva, pretende-se mostrar a íntima relação existente entre teoria e prática e a condição de centralidade que esses processos devem ocupar na formação e na vida profissional (BOURGUIGNOM, 2007, p. 64).

Quando analisamos a prática conseguimos visualizar possibilidades de transformações da mesma, pois entende-se os motivos da efetivação da mesma, pode se refletir e transformar a realidade que as vezes se demonstra saturada mediante as mesmas intervenções.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Oficinas: análise das atividades desenvolvidas

Neste tópico iremos analisar como se deu o diálogo, entendendo ser ele um fator importante na construção do conhecimento, ele oportuniza, abre caminho para diversas reflexões, é através do diálogo que compreendemos o que o outro pensa, respeitando e dando oportunidade para o outro

na busca do conhecimento. Conforme se problematizou, o processo de formação se dá na medida em que o diálogo promovido pelo profissional, neste caso assistente social, proporciona reflexão sobre a importância de determinado fato em sua vida. Uma vez que, o diálogo permite um reconhecer um estar fazendo parte da construção do saber. No decorrer do diálogo oportuniza-se a reflexão crítica, o questionar sobre o assunto proposto, o refletir o assistente social durante o processo media o conhecimento e o absorve dos educando, respeitando a visão de mundo dos educando, com base no conhecimento e problematiza a realidade. O dialogo para Freire⁶ (1997) é visto como libertador, pois o mesmo:

(...) não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. (FREIRE, 1997, p.60)

Percebeu se durante os encontros nas oficinas ministradas no projeto, o senso critico dos jovens, a forma dos mesmos se posicionarem durante a abordagem de assuntos que lhes diziam respeito ou quando eram convidados a dar sua opinião sobre o que significava para ele, como ele vivenciava e entendia. Conforme um dos grupos de jovens, durante uma das tarefas proposta, responderam o que para eles era família;

Na família devemos ter amor, respeito nas diferenças de cada uma. Nenhuma família é igual à outra, mesmo assim o carinho e afeto entre eles são o mesmo de qualquer família. Devemos cuidar também de animais, não prender os que são da natureza, devemos deixar sempre livres (trechos de relatos de trabalho em grupo).

⁶ Freire, Paulo – Pedagogia da Esperança - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido /Paulo Freire. – Notas: Ana Maria Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Este grupo era composto por quatro meninas e elas chegaram a esta definição que, mesmo as famílias delas sendo diferentes todas compartilhavam dos mesmos valores. Lembrando que para esta atividade foi discutido o conceito de família e como elas são composta na atualidade. A cada tarefa apresentada aos jovens durante as oficinas, eles traziam muito mais do que se esperava, era muito gratificante, pois surpreendiam com as respostas e posicionamento deles. Um dos recursos muito usado durante o projeto foi o filme comentado, a “comunicação de massa”, em uma das reuniões com os demais profissionais foi escolhido trabalhar o filme “Preciosa”, pois continha vários elementos que proporcionariam um debate produtivo nas oficinas.

O filme abordava o seguinte contexto:

"Preciosa" é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai e abusada pela mãe, ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. O fato de ser pobre e gorda também não a ajuda nem um pouco. Além disto, Preciosa tem um filho apelidado de "Mongol", por ser portador de síndrome de Down, que está sob os cuidados da avó. Quando engravida pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A sra. Lichtenstein (professora) consegue para ela uma escola alternativa, que possa ajudá-la a melhor lidar com sua vida. Lá Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, se refugiando em sua imaginação. (sinopse do filme).

Em relação ao filme Preciosa um dos alunos relata que;

(...) vimos que não tem só o lado bom da família, e que às vezes uma família pode prejudicar a vida de alguém por muito tempo, e de diversas maneiras, isso foi visto no filme Preciosa, onde mostra a vida de uma garota em uma família mal estruturada e como ela era humilhada na sociedade e se sentia sobre isso. (aluno- G.P. O - turma 8 - trechos retirados de trabalho realizado em aula).

Outro comentário sobre o filme Preciosa no entendimento de um aluno:

(...) isso é totalmente o inverso de qualidade, pois a menina do filme enfrentava o preconceito, a violência doméstica e sexual, o abandono. Mas no final do filme tudo isso acabou ela foi acolhida pelos seus amigos, aí está uma grande prova de que família não é somente aquela que coloca no mundo, mas sim aquela que acolhe. (Aluno-W. G.V - turma 8 - trechos retirado de trabalho realizado em aula).

Na oficina de qualidade de vida exploraram-se as relações familiares, escolhas, educação, escola, trabalho, lazer entre outros assuntos relacionados a Qualidade de vida, sempre através de grupos e dinâmicas diferenciadas, problematizando e mediando a reflexão com base nos temas geradores.

Em outra tarefa buscou-se construir um conceito para qualidade de vida na visão dos subgrupos, vamos citar algumas das respostas:

Qualidade de vida é viver bem e fazer as coisas que eu gosto. Sair com amigos.

Qualidade de vida é ter saúde e paz para se viver melhor no mundo.

Qualidade de vida é quando se vive em harmonia com as pessoas, é quando se está indo bem.

Qualidade de vida é estar de bem com você, com as pessoas que estão ao seu redor, e conquistar as coisas que você quer (trechos retirados de material produzido em aula e ou oficina).

O conceito trabalhado sobre Qualidade de Vida foi com base no que era importante para eles, nunca se esquecendo de mediar com o que à bibliografia referencia sobre o assunto. A forma de construir com base no dialogo entre os subgrupos e após a socialização no grande grupo, oportunizará a reflexão, pois com base nas respostas eles problematizavam, representavam suas descobertas através da música, teatro e recortes com gravuras o que o tema movia neles. Conforme pesquisas realizadas com base

na definição para Qualidade de Vida, a mesma problematiza que a satisfação com a vida é definida como uma avaliação global da Qualidade de Vida de uma pessoa segundo seu critério de escolhas. Percebe-se que as pessoas atribuem valores diferentes para bem estar material, saúde física, saúde mental, etc. A Qualidade de vida está relacionada com a qualidade dos relacionamentos sociais das pessoas.

Em outro momento quando trabalhamos o tema sobre família, que é um dos assuntos de relevância para problematizar e movimentar reflexões sobre entendimentos referidos a Qualidade de Vida, um grupo de seis jovens, um menino e cinco meninas, resolveram representar um conflito em família, onde quem deveria construir o final eram os demais jovens. Foi muito divertido e criativo, pois disponibilizavam de três horas de oficina e neste espaço de tempo conseguia-se propor, discutir e apresentar as descobertas de várias formas lúdicas.

A peça teatral foi escrita por este grupo e o contexto era o seguinte:

Nosso grupo elaborou uma peça teatral, mostrando a história de uma família que passava por problemas pessoais. Uma mãe separada, que trabalhava fora o dia todo e não tem noção do que acontece em casa, essa mãe tem duas filhas uma de 14 anos, que tem uma amiga inseparável essas acobertam tudo que a outra filha de 17 anos faz, a filha mais velha envolve-se com um mau elemento que acaba tomando três tiros em um conflito. A tia da família e tenta avisar a mãe sobre o que está acontecendo, mas já é tarde de mais. O fim da história desta família e feito pelo restante da turma, fazendo com que todos dê em um final diferente para a mesma história e por fim escolhemos o final que mais combina com a história. (Turma 11 trechos retirado na íntegra de material elaborado pelos alunos durante a oficina/aula).

O final desta peça teatral foi semelhante ao teatro do oprimido de Boal inspirado por Freire⁷.

O Teatro do Oprimido é o teatro no sentido mais arcaico do termo. Todos os seres humanos são atores - porque atuam - e espectadores - porque observam. Somos todos 'espect-atores'.

No momento de finalizar o teatro todos deram um final diferente e ganhou o final mais votado por todos, foi um momento muito instigante onde o cotidiano interferia na decisão dos jovens, suas experiências, o que era vivenciado e o que poderia ser transformado. Nesse enfoque foi problematizada a família monoparental, onde é representada por uma das figuras dos pais, o contexto social e as manifestações da questão social, violência, gravidez na adolescência, falta de diálogo entre mãe e filhos, escolhas, em fim muitos assuntos a serem dialogados e compreendido com base no que estava posto e o que poder-se-ia mudar, dar um novo enfoque.

Percebe-se que quando se problematiza a realidade, questionamentos aparecem, formas de solucionar também e perceber o que existe por de traz do cenário é muito empolgante e desafiador. Durante as oficinas buscou-se trazer assuntos ao qual deveríamos abordar com o grupo⁸ (sempre com enfoque sobre desenvolver a consciência sobre a importância de valorizar a vida adotando escolhas coerentes e de forma segura), em um primeiro momento dividia-se a turma em pequenos grupos e dava-se uma tarefa a qual os jovens em grupo procurariam responder.

Os momentos desafiadores era construir uma definição com base no que o grupo vivenciava, trabalhou-se, conforme já mencionamos, sempre no sentido que não estaríamos pontuando o

⁷ Referencial de pesquisa - http://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Boal 08/12/011 19:10 h. Apesar de existirem milhares grupos e centros de estudos sobre o Teatro do Oprimido no mundo (mais de 50 países nos cinco continentes), apenas o Centro de Teatro do Oprimido (CTO) do Rio de Janeiro é reconhecido como o ponto de referência mundial da metodologia. Localizado na Avenida Mem de Sá, n. 31, bairro da Lapa, Rio de Janeiro - RJ- Brasil, o CTO foi fundado em 1986 e dirigido por Boal até o seu falecimento, em maio de 2009.

⁸ Uma das competências a qual o jovem deveria desenvolver ao longo do percurso formativo, na oficina de qualidade de vida.

que era certo e errado e sim no que representava para eles determinado assunto. Após referenciava-se o que a bibliografia conceituava, e buscava-se aproximar da realidade construída por eles, mediando o conhecimento e reconhecimento. A tarefa era trabalhada em grupos, que conforme Baremblytt (1986) conceitua como:

(...) grupo operativo se caracteriza por estar centrado, de forma explícita, em uma tarefa que pode ser o aprendizado, a cura, o diagnóstico de dificuldade etc.. Sob essa tarefa, existe outra implícita subjacente à primeira, que aponta para a ruptura das estereótipos que dificultam o aprendizado e a comunicação (BAREMBLYTT, 1986, p.183).

Nesta aprendizagem vivenciada junto com os jovens, era possível observar o jovem em sua totalidade, o propósito era compreender como eles percebiam ao seu redor vários assuntos abordados. Desta forma conseguia-se trabalhar com base no diálogo potencializando a reflexão. O Assistente Social quando desenvolve sua prática em projetos sociais voltados à formação, deve assumir uma postura de educador social, pois na medida em que se visa à inclusão social é necessário utilizar metodologias da educação popular que propicia reconhecer a realidade cultural da comunidade. A metodologia da educação popular conforme Freire⁹ (1987) propõe a:

(...) investigação do “tema gerador”, que se encontra contido no “universo temático mínimo” (os temas geradores em interação) se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a

⁹ Freire, Paulo - Pedagogia do oprimido, 1. Alfabetização – Métodos 2. Alfabetização – Teoria I. Título II. Série17^a. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. (O mundo, hoje, v. 21).

¹¹ Citação tirada de trechos de artigo - A Inclusão Social e Sua Estratégia - 08/12/11 http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510672_07_cap_03.pdf 17h18min - Citação de Maria da Glória Gohn* * Ph.D. em Sociologia pela New School for Social Research, NY; Professora Titular do Curso de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho/UNINOVE, SP; Avaliadora de Periódicos do SciElo Brasil. E-mail: mgohn@uol.com.br - Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo. (FREIRE, 1987, p.55).

Esta metodologia proporciona um olhar crítico sobre a realidade, busca perceber o que está posto, mas não era questionado apenas aceito, com a pretensão de que era assim por que tinha de ser. Quando se problematiza a realidade desacomoda-se e leva o outro a refletir também. Pretendia-se através do método da educação popular promover a inclusão social dos jovens, entendendo que inclusão social¹⁰ é estar incluído ou compreendido, fazer parte (HOLANDA, 1993. p. 175) conforme a citação do autor. Seguindo a pedagogia de Paulo Freire (1983), haveria três fases bem distintas na construção da metodologia, a saber: a elaboração do diagnóstico do problema e suas necessidades, a elaboração preliminar da proposta de trabalho propriamente dita e o desenvolvimento e complementação do processo de participação de um grupo ou toda a comunidade de um dado território, na implementação da proposta (p. 33). Assim foram propostos trabalhar em grupo, através de dinâmicas que proporcionavam a visualização do contexto social, numa perspectiva de reconhecimento da realidade, com objetivo de inclusão social através de varias oficinas.

Durante a oficina de Qualidade de Vida foi proposto atividades em grupo, algumas individuais, mas sempre trazendo para o grupo a finalização da atividade, alguns momentos foram realizadas visitas na comunidade com o intuito de despertar um olhar investigativo e integrador, foram visitados locais para lazer e infra estrutura no geral. Com base na metodologia no inicio do projeto alguns jovens declararam em uma das dinâmicas propostas em aula o que pensavam sobre o tema, não era preciso se identificar apenas escrever sobre:

-A aula de hoje foi bem legal, conhecemos uns aos outros se apresentamos para a turma. E fizemos cartazes falando sobre qualidade de vida. Passeamos pelo bairro pra conhecer o que tem em volta dele (turma-2 citação de trabalho realizado em aula).

10.

-Gostei do passeio e nós deveríamos fazê-los sempre. A dinâmica da apresentação foi bem diferente do que normalmente é feito na sala de aula (turma-2 trechos retirados trabalho realizado em aula).

-(...) me fez refletir sobre valores da vida, o modo que s dinâmicas são feitas faz com que o grupo todo participe e interaja. Aprovo a idéia de trabalhar com dinâmicas, realmente acredito que assim aprendemos mais e conseguimos perceber o que a professora quer nos passar (turma - 2 trechos trabalho realizado em aula).

-É bom sair da rotina da escola, classes enfileiradas, um quadro, giz e copiar. Desta forma com mais envolvimento de todos é muito melhor, pois aprendemos a lidar com pessoas de diversas personalidades (turma-2 trechos trabalho realizado em aula).

Estes relatos foram retirados de trabalhos realizados no primeiro dia de projeto, buscou-se modificar o estilo sala de aula, as classes foram retirada e as cadeiras ficavam em circulo, olho no olho, todos participando e se conhecendo, através de dinâmicas de grupo e muito diálogo. Durante o processo formador foram usadas as dinâmicas de grupo, pois, entende-se que elas desenvolvem a consciência pessoal e grupal para alcançar um relacionamento mais realista e integrador. De acordo com Andreola (2007) ¹¹:

A micro dinâmica de grupo deve inserir-se num projeto de macrodinâmica global (...) pessoas e grupos conscientes precisam ser elementos de transformação. Se acreditarmos em nós mesmos e em nossos grupos, queremos fazer algo para que pessoas e grupos desenvolvam mais suas potencialidades, sua dinâmica, em todas as dimensões do humano.

Na verdadeira¹² dinâmica de grupo não há “locutores” e “ouvintes”, mas apenas “interlocutores” cada qual em condições

¹¹ Andreola, Balduino A.- Dinâmicas de grupo: jogo da vida e didática do futuro/Balduino A. Andreola. 26. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

¹² Idem 13.

iguais de “dizer a sua palavra”. É uma forma de trazer para participação todos os envolvidos, mediadores do conhecimento e jovens, em uma mesma sintonia, pois todos pertencem aquele processo dialógico. Uma das dinâmicas propostas para reconhecimento da comunidade e o mapeamento dos serviços prestados pela prefeitura, foi construir uma cidade fictícia ou um bairro, como era, e o que seria o ideal para se viver com qualidade e respeito aos direitos dos cidadãos, desta forma foi dividido o grupo em três subgrupos e deste modo, surgiram as seguintes propostas:

Como era - A família (...) o pai não tinha emprego fixo, fazia bico, era alcoólatra e agredia a mulher e os filhos. A mãe era adolescente e havia largado a escola, vivia de doação. Teve seu primeiro filho aos 14 anos, deficiente, (...) ele vivia com a avó, os outros 2 filhos um de 2 anos e um de 6 meses (...) o pai agredia fisicamente e psicologicamente. A avó não conseguia tratamento médico para o neto era rejeitado até na creche.

O ideal - A mãe conseguiu um emprego e creche comunitária para seus dois filhos mais novos. A avó conseguiu um tratamento para seu neto deficiente e um auxílio doença. A mãe começou a estudar a noite. E começou uma nova vida, foi morar com sua mãe e cuidava bem de seus filhos. Com seu salário fixo mais a pensão conquistou a estabilidade financeira (trecho retirado de trabalho produzido em aula).

As histórias de vida que os educandos apresentaram em seus relatos, tinham a ver com as suas vivências ou de pessoas próximas a eles, no entanto, em cima de cada tema sempre se buscou respostas ou soluções para os paradigmas, contextualizando-os com base na política de assistência e inclusão propostas pelo governo federal para intervenção. Neste viés trabalhou-se durante o projeto a reflexão - crítica dos usuários visando o conhecimento e a autonomia social dos mesmos.

3.2 Metodologias de intervenção na educação popular

Neste tópico iremos contextualizar a atuação no processo formador referente à atuação dos Assistentes Sociais. Observaram-se alguns pontos relevantes da pesquisa a partir dos questionários respondidos pelos profissionais, que atuaram na mediação do conhecimento durante o percurso formador do Projeto Protejo. Nesse sentido os pontos relevantes analisados são os seguintes:

3.2.1 *Sobre a compreensão da Educação Popular pelo Assistente Social*

O Preparo profissional e a atuação enquanto mediador do conhecimento; percebe-se que as profissionais tem a visão que esse é um método importante para a transformação da realidade, onde há uma maior interação entre o educador e o educando, atendendo assim as suas necessidades, a partir da realidade vivenciada. No entanto declaram que a formação em Serviço Social, não tem um preparo específico para a atuação do profissional enquanto mediador do conhecimento nos moldes da educação formal tradicional. Dessa forma fica evidente através dos relatos das assistentes sociais, o comprometimento com a transformação da realidade social, e com o seu projeto ético-político na contribuição de uma sociedade mais justa e igualitária. Perguntado a ela sobre o que entende sobre a Educação Popular, a profissional coloca que: *“Entendo por educação popular um processo participativo, destinado a transformar realidades. Uma educação pensada a partir dos educandos e com os educandos, de forma reflexiva...”*

3.2.2 Sobre as dificuldades e facilidades na elaboração da metodologia aplicada durante as oficinas temáticas

Um dos pontos aqui colocados pelas profissionais é que os projetos de educação popular não fogem muito dos métodos tradicionais de educação, o que acaba por dificultar a ação profissional do Assistente Social, enquanto educador, e requer estratégias que proporcione uma reflexão e uma educação emancipatória. Percebem-se nitidamente nos relatos das profissionais, os limites institucionais postos aos profissionais, para que estes se adequem ao plano de ensino, mesmo que este não atenda as necessidades do grupo, como também os limites de atuação e intervenção dos profissionais no que tange aos temas a serem abordados. No entanto mesmo com as limitações institucionais, percebe-se o compromisso ético profissional na fala, com o acesso dos educandos ao conhecimento, e a preocupação com a formação cidadã, e que os temas atendessem aos interesses do grupo. Como relato ressalta-se que:

“As dificuldades que em particular enfrentei se deram justamente por não ter um preparo para estar em sala de aula, por ser exigido um plano de aula tal quais as escolas convencionais utilizam, as temáticas vinham definidas, e tinha que se buscar apropriação sobre os temas para transformá-los em aula. Sendo que se exigia de cada tema nem sempre vinha de encontro com as necessidades dos jovens inseridos no projeto, sem contar as inúmeras repetições. Esta ação se tornou mais fácil (pelo menos pra mim) quando conseguimos alcançar uma percepção de grupo, e os jovens apresentavam quais eram seus reais interesses, com o reconhecimento deste formato, pude trabalhar utilizando como metodologia jogos dramáticos, para trabalhar o tema que me fora dado”.

3.2.3 *Sobre os impactos das ações profissionais e atividades desenvolvidas junto aos educandos do PROTEJO*

As profissionais colocam que o PROTEJO, tem uma organização e gestão nos moldes da escola tradicional o que fica evidente no material didático, mas que foi perceptível o compromisso dos profissionais e dentre eles os assistente sociais, na busca por uma educação emancipatória, onde os educandos se reconhecessem enquanto sujeitos e cidadãos. A partir da finalização do projeto as profissionais colocam que menos de 30% (iniciou c/ 300 concluíram 78) dos educandos concluíram o curso, e que levaram para as suas vidas a consciência de cidadão, capazes de refletir e se prepararem para o mercado de trabalho. No relato das profissionais também é nítido, assim como no dos educandos já relatado anteriormente, as preocupações com a inserção no mercado de trabalho, onde o trabalho é visto como uma forma de emancipação e caminho a ser percorrido na realização dos sonhos pessoais. De acordo com uma das assistentes sociais: *“O mais interessante é o reconhecimento por parte dos jovens da importância que teve para eles enquanto pessoas, cidadãos em participarem do projeto Protejo, de como isso ajudou a mudarem olhares, posturas, concepções, evidenciando assim a importância da forma com que a assistente social conduziu as oficinas, intervindo de forma positiva, proporcionando um olhar reflexivo sobre a realidade”*.

3.2.4 *Sobre o que é necessário para a atuação do Assistente Social, junto a projetos de Educação Popular*

Uma das profissionais relata a necessidade de aperfeiçoamento constante por parte dos profissionais, a outra profissional coloca que o assistente social necessita de uma maior formação para atuar enquanto educador popular em sala de aula, tendo em vista que somos preparados para atuar diretamente como executores das políticas públicas, e não como educadores. Outra colocação relevante feita por uma das profissionais é sobre as estratégias a serem traçadas pelos assistentes sociais para mediarem

os interesses das organizações com as necessidades dos educandos, levando em consideração o poder institucional, e os limites impostos a atuação do assistente social. Perante os dados coletados são de suma relevância as seguintes respostas, pois, vão de acordo com a pedagogia freiriana, na qual o educador deve ter consciência da necessidade do educando para o bom desenvolvimento da autonomia do mesmo, trechos de respostas abaixo evidenciam esta afirmação:

“(…) não se deixar instituir pelas artimanhas da instituição, você tem que de alguma forma fazer o novo, mostrar que é possível sair daquilo que já está a muito tempo do mesmo jeito, mas é necessário ter paciência e muito jogo de cintura”.

“(…) Enquanto conhecimento é uma constante busca por leis atualizadas, matéria de educação, cultura, lazer, entre outras, e uma relação constante com a teoria apreendida, mas não se esquecendo de que tudo muda a todo instante e é preciso estar sempre pronto a estas mudanças e ter o desejo incessante do conhecer, pois só assim, você consegue ou pelo menos tem base para dar o primeiro empurrão”.

3.2.5 Como os profissionais avaliam a instituição que desenvolveu o Protejo na cidade de Cachoeirinha RS. E quais as sugestões dos profissionais para projetos sociais.

Uma das profissionais aponta sobre as dificuldades e o perigo da não efetividade dos programas sociais quando executados por organizações não governamentais que lhes atribui um caráter privado, pois, geralmente as instituições visam somente lucro ao invés do sucesso e eficácia cidadã do projeto. Outro ponto destacado por ambas profissionais refere-se ao processo de precarização dos profissionais envolvidos no projeto, ou seja, a formação ofertada durante a graduação nem sempre é o bastante para o bom desenvolvimento de um projeto de cunho social. Esta análise atende a uma observância dos teóricos do serviço social sobre as privatizações e execução do serviço por entidades não governamentais atendendo assim a lógica do modelo neoliberal e

como coloca MONTAÑO (2004) essas organizações atendem em sua grande maioria a uma lógica de mercado não tendo um viés universal e sim focalizado. No que se referem a sugestões dadas pelas profissionais ambas reconhecem a importância dos projetos sociais adotarem a educação popular como base para uma construção de uma cidadania. Uma das profissionais coloca a importância de que os profissionais inseridos em projetos sociais de educação popular tenham como base para as suas ações a necessidade de realizarem um diagnóstico das situações vivenciadas pelos educandos. Assim como fora relatado:

- (...) gestor sem o menor olhar sobre a questão social.
- (...) visão totalmente empresarial.
- (...) a forma de licitar, fazem licitação pelo menor preço.
- (...) a empresa que ganha para poder contratar joga os salários dos profissionais vertiginosamente no chão. “Não se tem estabilidade”.
- (...) não se tem infra-estrutura adequada para trabalho e nem apoio.

Com base nos relatos das profissionais verifica-se a necessidade de verificar a eficácia e eficiência das Políticas Públicas e seus resultados a fim de propor uma readequação nas mesmas, com base na saturação de sua eficiência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que esta pesquisa se propunha identificar, que seria de que forma os profissionais de serviço social vêm constituindo sua prática em projetos de educação popular, considerando suas metodologias e desafios perante as demandas de formação e inclusão de adolescentes que vivenciam processo de violência evidencia-se que:

O modelo de projeto social ao qual o governo se propõe a realizar a fim de que políticas públicas sejam executadas e avaliadas com o propósito de atender a verdadeira realidade dos sujeitos a ela proposta, depende muito dos órgãos a qual se propõe a executar as

mesmas e a visão dos profissionais que coordenam, no caso deste, o projeto social Protejo.

Algumas instituições que são contempladas ou agraciadas mediante editais, estão muito fora do contexto social, o que seria indicado em projeto de inclusão social, seria a metodologia da educação popular, que conforme Freire (2010) entende-se que deve se respeitar a leitura de mundo do educando e usá-la como uma ferramenta de compreensão da realidade, a fim de causar curiosidade dos mesmos em estar participando do processo, portanto deveria ser aplicado uma metodologia diferenciada da educação formal, pois entende-se que a mesma não dá conta desta realidade.

A metodologia proposta ao desenvolvimento do projeto por parte da instituição a qual foi contemplada mediante a edital, causou um estranhamento para os assistentes sociais, pois os mesmos não entendem a inclusão de adolescentes e jovens na visão da educação formal, que é o oposto da inclusão, pois percebe-se que o perfil desta população atendida mediante a projetos sociais requer um olhar inclusivo e acolhedor, o que a educação formal com suas regras e métodos avaliativos não oportuniza á inclusão.

Com base nos relatos dos jovens e adolescentes atendidos nas oficinas, percebe-se que os mesmo conseguiram identificar questões abordadas nas oficinas através dos métodos da educação popular, estes profissionais se muniram de conhecimentos sobre este método e aplicaram com êxito, fazendo com que estes jovens percebessem a mensagem a qual se propunham a passar, entendendo que as referencia contida na realidade propõe mudanças significativas na vida dos sujeitos com base na mediação do aprendizado e respeito ao mundo deles.

Com relação à evasão, evidencia-se que pode ter se dado devido ao modelo de execução do projeto, a metodologia a qual ele se propôs a trabalhar, pois foram propostas oficinas semanais (cinco dias na semana), apenas em dois períodos optativo (manhã e tarde), a noite não foi ofertado oficinas, os educadores no geral tinham uma visão de educação informal e não tinham experiência em projeto social de inclusão.

Desta forma entende-se que a metodologia abordada em projetos sociais quanto à execução, deve-se estar atrelada a visão da educação informal (popular), pois entende-se que a mesma tem base para fazer a leitura da realidade e uma visão de inclusão do indivíduo em seu meio social e comunitário .

Enfim, o profissional assistente social tem um preparo para o modelo de educação não formal, assim como ela, o assistente social tem uma percepção integradora da construção do conhecimento, em sua formação ele trabalha com a visão de inclusão social, pois precisa entender a questão social nas suas diversas manifestações, este profissional entende que quando tratamos de um problema comum a todos devemos socializar e mediar em grupo, discutir e trazer uma melhor solução para todos, ele é um agente de promoção da transformação e medidor das questões que envolvem a sociedade e o Estado.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. M. Perfis pedagógicos da organização da cultura e a institucionalização do Serviço Social – demarcações do princípio educativo da prática do Assistente Social. In: ABREU, M. M. Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

ADAMS, T. Prática social e formação para cidadania: Cáritas do RS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ANDREOLA, B. A.- Dinâmicas de grupo : jogo da vida e didática do futuro/Balduino A. Andreola. 26. ed, Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

BAREMBLITT, G. Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.

BOURGUIGNON, J. A. A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 46-54, 2007.

ESTEVES, J. M. O mal-estar docente; a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC. 1999.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire editor – Centauro 2001– São Paulo – Reimpressão 2008.

_____. Pedagogia do oprimido, 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (O mundo, hoje, v. 21) 1. Alfabetização – Métodos 2. Alfabetização – Teoria I. Título II. Séries.

_____. Política e educação. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Extensão ou comunicação? Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira – Prefácio de Jacques Chonchol. 7. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. Educação como prática para liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FRIGOTTO, G. Política educacional e questão social. Em foco: o Serviço Social e a Educação. 3. ed., CFESS, 2006.

GOHN, M. da G. Pós-Doutorado em Sociologia, New School of University, New York Professora Titular da UNINOVE e da UNICAMP Pesquisadora I do CNPq mgohn@uol.com.br - Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar., 2006.

GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere. 3. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. 2.

HOLANDA, A. B. de. Dicionário Prático da Língua Portuguesa: Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ O Dia, 1993.

IAMAMOTO, M. V. O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 1998.

MAYOR, F. A Cultura de Paz. Disponível em: [www.comitepaz.org.br/a cultura de p.htm](http://www.comitepaz.org.br/a_cultura_de_p.htm). visitado em 09/03/2013

MARTINELLI, M. L. O. uno e o múltiplo: uma abordagem socioeducacional. In: MARTINELLI, M. L.; RODRIGUES, M. L.; MUCHAIL, S. T. (Orgs.). O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber. São Paulo: Cortez/Educ, 1995. p. 139-51.

_____. Serviço Social: Identidade e alienação. 14. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

SIMIONATO, I. Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social / Ivete Simionatto. 4. ed., São Paulo: Cortez, 1998.

TONET, I. Educação contra o capital. Maceió: EDUFAL, 2007.